

18 JUL 1993

Amazônia

O GLOBO

JOSÉ SARNEY

Volto a tratar da Amazônia, particularmente dos problemas que pode gerar.

A fase dos mitos amazônicos passou. Pulmão do mundo, reguladora do clima da Terra, tesouro inesgotável, minas fantásticas, responsável pelo efeito estufa, filtro do CO₂, e outras especulações. A ciência e a realidade encarregaram-se de desmentir essas fabulações. Nem por isso a Amazônia deixou de ser importante, para nós e para o mundo. Ali conservamos, quando todos destruíram as suas, a maior, mais densa, mais rica, mais diversa floresta úmida do planeta. Ela aí está, quase intacta, pela determinação e obstinação dos brasileiros, que sempre tiveram, por formação e cultura, uma cumplicidade com a natureza.

Acontece que o grupo G-7, as nações ricas, transformou os problemas do meio ambiente — que é o conjunto de condições naturais que cerca e influi no desenvolvimento dos seres vivos — em assunto de sobrevivência da humanidade, para legitimar suas intervenções. As nações desenvolvidas julgam-se responsáveis pela gerência deste desafio.

No que se refere à Amazônia, fizeram uma campanha internacional contra o Brasil, acusando-o basicamente de incapacidade para gerir a Amazônia. No passado, estas mesmas nações nos acusaram do mesmo mal, só que sob outro enfoque: "Não podia a humanidade ser privada das riquezas da Amazônia, pertencente a um país que não podia explorá-la. O presidente Woodrow Wilson propôs, em Genebra, formalmente, a Epitácio Pessoa, presidente

do Brasil, a internacionalização da Amazônia.

Agora, o argumento é outro. A Amazônia é o grande banco genético do mundo, regula o clima da Terra, envolve o destino do globo terrestre. Por isso, as grandes potências pensam e querem ter domínio sobre a região; e que devem submetê-la a uma soberania limitada. Partem de conclusões mediáticas, vagas, sem rigor científico, e chegam a decisões de forte implicação política.

Com os problemas existentes durante a guerra fria, não permitindo um debate direto, político e militar do assunto, a tática adotada foi a pressão de grupos ambientalistas e religiosos, respaldando reivindicações territoriais, tendo como massa de manobra os nossos pobres índios. Depois, a oferta de trocarmos território pela dívida externa, que recusei. A negociação envolvia o compromisso de exercermos uma sobe-

rania controlada. A política de ficar com a gaiola e deixar o passarinho preso.

Presidente do Brasil, enfrentei essa campanha. O presidente da França me convidou para uma reunião em Amsterdam, cuja finalidade era aceitarmos delegar, sob a invocação ecológica, partes de nossos direitos aos organismos internacionais (controlados por eles), para ditar normas sobre o aproveitamento dos recursos naturais. Mitterrand foi sincero e declarou: "Os detentores da floresta amazônica devem reconhecer que sua soberania sobre ela é seletiva." O atual vice-presidente dos Estados Unidos justificava o seu ponto de vista: "A devastação é inaceitável e constitui uma das maiores tragédias da História", o que não é verdade.

Pois bem. Agora, depois do término da guerra fria, a coisa fica mais clara. O Brasil perdeu depois do

meu governo as condições que tínhamos criado com os nossos vizinhos ao norte: Suriname, onde voltou a influência holandesa; Guiana, onde os americanos e ingleses se estabeleceram com tropas e treinamento na selva; e Venezuela, onde incidentes menores na fronteira abalaram o clima de tranquilidade até então existente.

Implantou-se, assim, a presença até então desejada das forças que administram "a sobrevivência da humanidade" no coração da Amazônia, prontas a intervir, desde que os países envolvidos na questão, o maior de todos, o Brasil, pratique qualquer ato que, a juízo deles, ameace as leis do "meio ambiente". Acrescente-se a isso o problema ianomâmi, com território demarcado de nove milhões de hectares, na fronteira, com uma opinião internacional engajada, e a área relacionada entre os "conflitos étnicos" a exi-

18 JUL 1993

gir solução, o que mostra o absurdo do enfoque e a pressão.

Estamos com todos os ingredientes de atritos. A falta de visão estratégica do passado Governo brasileiro criou um grande problema para o futuro do país, que vai nos dar dor de cabeça.

Devemos formar uma consciência nacional, acima de todos os segmentos, tendências e facções, evitando que na nossa unidade criem-se brechas e esta geração possa legar, às gerações futuras, um Brasil dividido, que não recebemos dos nossos antepassados.

Vamos preservar a Amazônia, nós brasileiros. Não há exemplo, na História da humanidade, de qualquer país que tenha renunciado a dois terços do seu território, para aceitar que sobre ele mandem os outros. No fundo é o que está atrás da questão amazônica.

Aí o perigo.